KEN WILBER E A ASTROLOGIA

Tradução de Ari Raynsford (www.ariraynsford.com.br)

Revisão de Fábio Mocci Camargos

Do livro *Uma Teoria de Tudo*, capítulo 6:

Uma síntese integral, para ser realmente integral, deve achar um caminho para mostrar que as principais visões de mundo são, basicamente, *verdadeiras* (embora parciais). Não é que os níveis mais elevados proporcionem visões mais acuradas e os níveis mais baixos, falsidades, superstições ou absurdos primitivos. Devemos entender que mesmo a mágica "infantil" e os mitos de Papai Noel são verdadeiros. Porque essas visões de mundo são, simplesmente, a maneira como *o mundo aparece naquele nível*, ou naquela onda,[1] e *todas* as ondas são ingredientes cruciais do Kosmos.[2] No nível mítico, Papai Noel (ou Zeus, ou Apolo, ou astrologia) é uma realidade fenomenológica. Não leva a nada dizer-se: "bem, evoluímos além desse estágio e hoje sabemos que Papai Noel não é real", porque se isso fosse verdadeiro – e todos os estágios se mostram primitivos e falsos à luz da evolução – então teríamos que admitir que nossas próprias visões, *exatamente agora*, também são falsas (uma vez que serão substituídas com a continuidade do processo evolutivo). Não é que haja somente *um* nível de realidade e que todas as outras visões sejam versões primitivas e *incorretas* desse nível. Cada uma dessas visões é *correta* num nível inferior, embora fundamentalmente importante, e não uma visão incorreta do único nível real. O conceito de *desenvolvimento* permite-nos reconhecer verdades em ninhos, não superstições primitivas.

Do livro *Uma Teoria de Tudo*, nota 5 do capítulo 6:

Naturalmente, se visões de mundo de níveis mais baixos fizerem afirmações sobre níveis mais elevados, elas deverão ser testadas usando critérios dos níveis superiores. Por exemplo, se a astrologia faz afirmações empírico-racionais, ... então essas afirmações necessitam ser testadas por meios empírico-racionais; usualmente, quando esse teste é realizado, elas falham dramaticamente. ... Mas a astrologia é uma das numerosas visões de mundo válidas que estão disponíveis no nível de consciência mítico e cumpre o papel que é esperado dela nesse nível – prover significado, um sentido de conexão com o cosmos e um papel para o eu na vastidão do universo.

---

[1] O espectro da consciência é apresentado por Wilber em sua obra sob diversas formas equivalentes. Neste texto, talvez facilite considerar três níveis (ou ondas) gerais que englobam os níveis entre parênteses: pré-racional (arcaico, mágico e mítico), racional (persona, ego e centauro) e transracional (psíquico, sutil, causal e supremo ou não dual), correspondendo, respectivamente, aos níveis pré-pessoais, pessoais e transpessoais. Na verdade, com esta divisão, por razões didáticas, estamos considerando a linha de desenvolvimento de visões de mundo para o pré-racional e a linha de desenvolvimento do eu para o racional e o transracional. (N.T.)

[2] Wilber reapresenta esta palavra em seu livro *Sex, Ecology, Spirituality* com a seguinte observação: "Os Pitagóricos introduziram a palavra *Kosmos* que, normalmente, traduzimos como 'cosmos'. Mas o significado original de Kosmos era a natureza de padrões ou de processos de todos os domínios da existência, da matéria para a matemática para o divino, e não simplesmente o universo físico, que é o significado usual das palavras 'cosmos' e 'universo' hoje. ... O Kosmos contém o cosmos (ou fisiosfera), bio (ou biosfera), noo (ou noosfera) e teo (teosfera ou domínio divino). ..." (N. T.)

Entretanto, não é uma ciência racional com capacidade de predição (daí falhar consistentemente nos testes empíricos). Pela mesma razão, não precisamos dar muita atenção ao que a ciência tem a dizer sobre os níveis psíquico, sutil e causal.

Quando afirmo que "todos os níveis são corretos", digo isso no sentido geral de que cada nível possui suas verdades essenciais que não só desvelam aquele nível, como também agem como importantes e necessários ingredientes dos níveis superiores (quando diferenciadas e integradas, ou transcendidas e incluídas). Do nível mítico queremos preservar a experiência de pertencer e a capacidade de integração numa comunidade. Mas em cada nível de realidade há visões mais ou menos válidas, determinadas *pelos critérios daquele nível*. Por exemplo, a astrologia é parte do nível mítico e há bons e maus astrólogos. Embora nenhum deles tenha passado com sucesso em testes empírico-racionais, este não é o critério verdadeiro do nível mítico. O nível mítico, como todos os outros, tenta prover coerência, significado, conexão com o cosmos, preocupação com os demais seres e diretrizes pragmáticas. A versão mitológica disto (da qual a astrologia é um subconjunto) é um esquema interpretativo que provê significado, etos, mitos e sanção para o eu daquele nível. A mitologia e a astrologia falam naquele nível a todos nós, e quando estamos em contato com ele, proveem uma ligação maravilhosa com nossas raízes vitais. Bons astrólogos fazem isso de um modo válido e proveitoso, maus astrólogos, não (julgados de acordo com os critérios daquele nível). Obviamente, uma coisa é ligar-se àquele nível mais baixo, outra é permanecer lá (ou defendê-lo como se fosse o derradeiro nível de realidade). Aqueles que fazem afirmações absolutas sobre astrologia, quando elas não podem ser comprovadas, são, de algum modo, suspeitos.

Por outro lado, um cientista racional que despreza cada variedade de mitologia porque vem de um nível inferior (e não consegue passar em testes empírico-racionais) é, simplesmente, alguém fora de contato com suas raízes. Indivíduos integrais sentem-se confortáveis em todos os níveis de realidade que se manifestam neles e por meio deles, e podem falar as línguas desses níveis quando as várias situações o exigem. Como sempre, é somente a fixação exclusiva num nível que causa a maioria dos problemas.

Do livro *One Taste* (1999), terça-feira, 29 de julho:

Roger[3] envolveu-se num debate nacional sobre astrologia. Estou adorando porque, até o momento, eu era o único a receber fogo cerrado da multidão *new-age* do "novo paradigma" e agora Roger também vai levar chumbo. Isto é ótimo.

Deus os abençoe, mas o que muitos *new-agers* parecem não entender é que não há apenas dois grupos principais neste país[4] – o racional (no qual não confiam) versus o não racional (que eles defendem). Na verdade, existem três grupos principais – o pré-racional, o racional e o transracional.[5] E, de novo Deus os abençoe, a grande maioria das abordagens *new-age* tende a escorregar para o campo pré-racional. Para piorar as

[3] Wilber refere-se a seu grande amigo, Roger Walsh, professor de Psiquiatria e Filosofia da Universidade da Califórnia em Irvine, um dos fundadores do *Integral Institute*, juntamente com Wilber. (N.T.)

[4] Wilber refere-se aos Estados Unidos da América. (N.T.)

[5] Vide Nota 1. (N.T.)

coisas, o grupo transracional – inclusive Roger – tem muito mais coisas em comum com o racional do que com o pré-racional (embora, obviamente, a meta seja integrar os três). Assim, o círculo social *new-age* fica surpreso, magoado e zangado quando um genuíno místico transracional – como Roger – começa a criticá-lo, porque considera que todos nós, "místicos não racionais", deveríamos estar no mesmo barco, lutando contra os tipos racionais, convencionais e antiespirituais. Mas os místicos transracionais estão combatendo com mais vigor a regressão pré-racional e, depois, a mera racionalidade, tentando abri-las para uma genuína abordagem transracional.

Bem, agora Roger entrou na linha de fogo. Ele tornou público seu ataque à astrologia. Roger afirma que chegou a sua conclusão – isto é, que virtualmente tudo da astrologia tradicional beira a bobagem – após pesquisar de maneira sistemática o volumoso conjunto de estudos cuidadosamente controlados sobre o assunto. Ele pensou em escrever um livro com o título A Fraude do Século, ou O Roubo das Eras, ou algo assim (mas já se decidiu a não o fazer).

Noetic Sciences Review convidou Roger e Will Keepin para debater este tópico em suas páginas. Will é um escritor muito inteligente, com um estilo apropriado e uma apresentação ponderada. Formado em Física e originalmente vendo astrologia como maluquice, posteriormente passou a acreditar firmemente na sua validade, baseado na mesma afirmação feita por Roger: as evidências o levaram a essa conclusão. Will é tão eloquente sobre este assunto que foi escolhido pela revista Life para ser o principal teórico da reportagem de capa sobre astrologia, tendo convencido o repórter da sua veracidade. Esta promete ser uma grande luta.

Tenho recebido os manuscritos à medida que vão sendo escritos e eis como está, por enquanto, o combate. Roger abriu o primeiro *round* com um resumo das pesquisas até agora: "Muitas pessoas se surpreendem ao saber quanta pesquisa experimental tem sido feita em astrologia. Mais de uma centena de estudos estão disponíveis, alguns realizados por astrólogos ou em colaboração com astrólogos. Considerados em bloco, constituem um corpo de pesquisa com suficiente qualidade e quantidade para permitir uma avaliação poderosa sobre a validade das afirmações astrológicas."

O que foi achado? Roger responde em seu manuscrito:

> Pesquisadores estudaram cinco capacidades que os astrólogos afirmam ser essenciais para legitimar a astrologia.
>
> - O primeiro grupo de estudo examinou o grau de concordância entre astrólogos ao analisar os mesmos mapas astrológicos. Os resultados são impactantes. *Não há a menor concordância entre as interpretações de diferentes astrólogos para o mesmo mapa astrológico.* Esta foi uma descoberta consistente em todos os estudos, incluindo aqueles que usaram peritos em astrologia, os que foram realizados por astrólogos propriamente ditos e aqueles feitos por cientistas em colaboração com astrólogos.
> - Este resultado, sozinho, é devastador e praticamente destrói qualquer argumento quanto à confiabilidade ou validade de leituras astrológicas. Como um crítico concluiu: "se os astrólogos não conseguem sequer concordar quanto ao *significado* de um mapa astrológico, então sua prática fica completamente reduzida ao absurdo."

- Sujeitos das leituras astrológicas são incapazes de identificar seus mapas no meio de outros distribuídos aleatoriamente. Em outras palavras, sujeitos tendem a pensar que o perfil de outra pessoa é uma descrição tão precisa deles quanto seu próprio perfil.
- Estudos de mais de três mil previsões astrológicas mostraram que elas não se comportaram melhor do que sorte ou adivinhação.
- Mais de três dúzias de estudos mostram que as leituras dos astrólogos não concordam ou não se correlacionam em níveis probabilísticos com bem validados testes psicométricos de personalidade. Esta falha ocorreu mesmo quando os astrólogos eram peritos altamente respeitados, colaboraram no projeto da pesquisa, consideraram-na como boa avaliação de suas capacidades e demostraram grande confiança nas suas leituras astrológicas.
- Astrólogos usualmente afirmam que as leituras de mapas globais são mais precisas do que fatores individuais. Entretanto, a pesquisa não encontra suporte para a exatidão nem dos fatores individuais nem das leituras de mapas globais.

"Em resumo". Roger conclui, "a pesquisa não encontra nenhum suporte para a confiabilidade ou validade das leituras astrológicas."

Oooooh, grandes golpes iniciais! Alguns *punches* de trincar o crânio. Poderíamos ter um *knockout* rápido se não fosse pelos excelentes estudos de Gauquelin. Nos anos 50, o pesquisador francês Michel Gauquelin iniciou uma exaustiva análise de dados estatísticos, relacionados à astrologia, que durou várias décadas. "Para sua surpresa," Roger ressalta, "a análise revelou pequenas, porém significativas, correlações entre celebridades de vários campos profissionais e a posição de certos planetas na hora do nascimento. Por exemplo, cientistas, jornalistas e atletas famosos tendiam a ter os planetas Saturno, Júpiter e Marte, respectivamente, no horizonte ou no zênite, no momento do nascimento."

Oooooh, uma abertura de guarda e Will a aproveita! Ele começa ressaltando que diversas organizações científicas céticas tentaram refutar as pesquisas de Gauquelin sem resultado. Hans Eysenck, o renomado psicólogo estatístico, sumarizou o que isso significa: "Emocionalmente, teria preferido que os resultados de Gauquelin não se sustentassem, mas, racionalmente, devo aceitar que se sustentam. ... Não podemos fazer nenhuma importante crítica válida quanto às suas conclusões, métodos ou estatísticas. Não podemos descartá-los porque nos sejam desagradáveis ou não estejam de acordo com as leis da ciência contemporânea. ... Talvez seja a hora de declarar inequivocamente que uma nova ciência encontra-se em processo de parto."

Uau! Grande gancho de esquerda no final do primeiro *round*. Surpreendentemente, Roger nem pisca. Ele inicia o segundo *round* aceitando francamente os resultados gerais dos estudos de Gauquelin. Mas, pondera, é questão de interpretação.

"Primeiro, os padrões de Gauquelin não se enquadram nos padrões astrológicos tradicionais." Em outras palavras, se isto for verdade, e uma vez que a pesquisa de Gauquelin é a única importante pesquisa que se mostrou válida, então, se concordarmos com as suas conclusões, deveremos também nos livrar da maior parte da astrologia tradicional, porque há pouco, senão nenhum, suporte para ela. "Segundo, as descobertas

de Gauquelin aplicam-se *somente* a pessoas famosas. Indivíduos que não sejam famosos – em outras palavras, a grande maioria de todos nós – não apresentam nenhuma correlação com a posição planetária na hora do nascimento." Novamente a astrologia tradicional sofre um grande golpe. "Terceiro, as correlações são *extremamente* pequenas, cerca de 0,05 com margem de erro de mais ou menos 1%." Isto significa, por exemplo, que somente 5% dos atletas famosos têm Marte em posição. Qualquer que seja o efeito, ele é claramente muito fraco. Roger sustenta que "isto é muito, mas muito pouco para avalizar leituras ou previsões astrológicas."

Oooooh! Assim ficamos ao final do segundo *round*. Independentemente do que pudesse ser ainda dito, a astrologia tradicional levou uma boa surra. O único estudo inequivocamente aceito e respeitado por ambos os lados é o de Gauquelin. Mas de acordo com seus resultados, as afirmações da astrologia tradicional não se sustentam. Will afirma que algumas delas se mantêm, embora ambos concordem que horóscopos e astrologia de jornal estão acabados. Mas Roger retorna com um forte *jab* de direita: "Você [Will] infere que as conclusões de Gauquelin suportam a astrologia tradicional ocidental, enquanto eu defendo, por diversas razões, que essas mesmas conclusões não oferecem o menor conforto para sustentar as afirmações específicas da astrologia tradicional. Na verdade, exceto por poucos princípios muito genéricos citados por você como sendo de Gauquelin (e.g., o meridiano é importante), o próprio Gauquelin deixou muito claro que suas descobertas não se enquadravam nos padrões astrológicos tradicionais." Roger, então, chega a uma conclusão provavelmente cautelosa, pelo menos até este ponto: "enfatizo a absoluta necessidade de diferenciar claramente a descoberta de Gauquelin da astrologia tradicional" – porque há fortes evidências quanto à primeira, muito poucas quanto à última.

Mas mesmo as associações astrais que se mantêm são muito, muito fracas. De acordo com Roger, de maneira fatal. Mas Will sustenta que, mesmo sendo pequenas, essas influências são um fato, o que Roger não contesta, e sendo assim elas devem ser explicadas. A partir de algumas das minhas ideias, Will sugere uma explicação. "As implicações [dos estudos de Gauquelin] são de tirar a voz. Baseado em conceitos de Wilber, a astrologia aponta para uma vasta 'holarquia'[6] que não só unifica a fisiosfera, a biosfera e a noosfera, termos usados por Wilber, como também une um contexto celestial muito maior que 'transcende, mas inclui' o sistema de Gaia. Indo mais fundo, realmente descobrimos algo muito além: uma viva holarquia 'kósmica' na qual a Terra não é senão um entre muitos 'super-hólons' planetários mais elevados. O trânsito astrológico corresponde aos efeitos desses super-hólons celestiais na medida em que eles 'limitam a indeterminação' dos seus hólons juniores, isto é, alteram a estrutura probabilística de eventos terrestres. O processo completo não é mecanicistamente causal, mas é mais um processo unificador que se desdobra holograficamente e de modo simultâneo em múltiplos níveis holônicos – daí permitindo a observação de correlações temporais."

[6] Holarquia é uma hierarquia de hólons (hierarquia natural de crescimento, diferentemente de uma hierarquia humana de poder). Hólons são totalidades num nível e partes num nível superior. Como exemplo, consideremos a holarquia do corpo humano: ele é formado por órgãos, que são formados por tecidos, que são formados por células, que são formadas por moléculas, que são formadas por átomos, que são formados por partículas subatômicas, que são formadas por quarks, e assim por diante. Uma das características básicas de uma holarquia é que cada nível superior transcende, mas inclui os níveis inferiores. Assim, uma holarquia sinaliza a direção da evolução: moléculas contêm átomos, porém átomos não contêm moléculas. (N.T.)

Will usa cada um dos meus termos de modo preciso, o que é impressionante; e acho sua teoria plausível. Entretanto, penso existir outra explicação dentro da mesma estrutura "wilberiana" que faz mais sentido.

A pergunta é: estamos trabalhando com causação descendente (de cima para baixo) ou ascendente (de baixo para cima)? Isto é, serão essas fracas influências astrais geradas no nível da Alma do Mundo ("super-hólons celestiais") e depois impostas aos hólons juniores de seres humanos individuais – por "causação descendente" ou "influência de cima para baixo" – como afirma Will? Ou estarão elas operando apenas no nível físico – exercidas por planetas físicos no corpo humano físico – e daí tendo uma suave "influência de baixo para cima" na emergência de níveis mais elevados, incluindo as emoções e a mente? Por várias razões, suspeito fortemente que seja o segundo caso.

Primeiro, essas influências, como tanto Roger quanto Will notaram, são muito, muito fracas. Geralmente isto é uma indicação de influência ascendente, não de influência descendente. Influência descendente normalmente é muito forte, quase causal. Por exemplo, quando o hólon-sênior "eu" decide mover meu hólon-júnior "braço", todas as moléculas do meu braço se movem. Não é o caso de 5% delas não se moverem, *todas* se movem.

Segundo, há aquele fascinante ponto no qual as associações astrais de Gauquelin não combinam com cesarianas ou partos induzidos. Qualquer super-hólon kósmico que não consiga suplantar esse detalhe não é lá um super-hólon que se preze.

Terceiro, essas associações astrais somente ocorrem com pessoas famosas. Isto é extremamente revelador – e, acredito, o ponto crucial – e muito difícil de acreditar se as influências proviessem do nível da Alma do Mundo. Se a Alma do Mundo ou Super-hólon Kósmico está muito feliz modificando as probabilidades dos hólons inferiores, por que fazê-lo somente para os proeminentes, poderosos e famosos?

Mas essas associações astrais com famosos passam a fazer sentido se tiverem emanando do nível físico e exercerem sua relativamente fraca influência de baixo para cima sobre os níveis superiores da emoção e da mente (e traços de caráter), porque somente poder-se-ia observar as influências das <u>mais fortes</u> dessas já fracas forças. Isto é, somente as influências realmente fortes conseguiriam se manter por meio do amortecimento que ocorre com influências ascendentes: o mais baixo tem de lutar muito para suplantar – ou influir decisivamente – o mais elevado. Para a pessoa média, que, presumivelmente, não está recebendo uma forte dose dessas já fracas forças astrais, essas influências tépidas são completamente dissolvidas.

Ao final do terceiro *round*, diria que Roger aplicou um golpe devastador na maior parte da astrologia típica. Eu mesmo, que durante muito tempo me mantive agnóstico sobre esse assunto, achei muitos dos seus argumentos poderosamente persuasivos. E Will concorda que horóscopo, astrologia de jornal e astrologia de planetas siderais são carne morta. Assim, é um *knockout* indiscutível para todas essas formas de astrologia típica.

Ambos concordam que as associações astrais de Gauquelin são reais, mas muito fracas: não há nada a dizer sobre 0,05. Entretanto, como Will e Eysenck ressaltaram, esta anomalia é devastadora para qualquer visão de mundo que não consiga acomodá-la. Eu e Will concordamos, pelo menos neste ponto, que algum tipo de concepção holônica (ou

holárquica) ocorra. Costumava pensar que esta explicação viria do nível da Alma do Mundo (ou super-hólon do nível psíquico), mas agora acredito que a explicação mais provável envolve interação do nível físico – simplesmente planetas físicos sobre corpos humanos físicos – e que isto acontece por influência ascendente durante o desenvolvimento para os níveis mais elevados da emoção e da mente (possivelmente por meio de interação gravitacional/hormonal, ou interação geomagnética/neuronal, ou uma combinação das duas) somente com as mais fortes das relativamente fracas forças, sobrevivendo de forma observável em celebridades de vários campos.

Meu signo é Aquário, embora esteja tentando alterá-lo judicialmente. Deixe-me ver o que meu horóscopo diz para hoje. "O lindo indivíduo que estou observando parece que está se transformando num viciado em êxtase. O ambiente aqui é exuberante e sensual. O ar está saturado com suculentos feromônios, embora também haja um inequívoco sentimento do *sagrado*. Não está fora de questão especular que Aquário está pronto para quebrar todos os recordes anteriores de Crescimento Espiritual sob a Influência da Luxúria."

Volto atrás no que disse. Acredito piamente em horóscopos.

Do livro *One Taste* (1999), domingo, 21 de dezembro:

Algumas notícias sobre o debate nacional a respeito de astrologia.

Ivan Kelly enviou-me uma cópia do seu trabalho "Astrologia Moderna: Uma Crítica" e devo dizer que ele é devastador. Anteriormente, deixamos o debate com a astrologia, definitiva, mas fracamente, suspenso por um fio: Gauquelin. Will Keepin tentou também indicar informações coletadas por Tarnas e Grof, porém Roger ressaltou que esses estudos são "não controlados (isto é, empregam sujeitos sem controle), não anônimos (isto é, os experimentadores normalmente sabem a identidade dos sujeitos), retrospectivos (avaliados após o fato) e sem testes de confiabilidade dos procedimentos de medida." Em outras palavras, faltam aos estudos de Grof/Tarnas provas, ou mesmo corroboração, e eles manter-se-ão tendenciosos e sem valor científico até que os controles citados por Roger sejam diligentemente aplicados.

Por outro lado, os estudos de Gauquelin mostraram-se persuasivos tanto para crentes como para não crentes, e são os únicos em que isso aconteceu. Baseado nessa evidência – e desde que devemos sempre seguir as evidências – sugeri uma teoria para considerar os efeitos de Gauquelin. Contrariamente à sugestão de Will – a de que os efeitos astrais emanavam da Alma do Mundo (o nível psíquico) e por causação descendente afetavam mentes individuais (ou traços de caráter) – sugeri que eles emanavam de um simples nível físico (geomagnético, gravitacional) e por meio de causação ascendente apresentavam um pequeno, mas discernível efeito (via interações hormonais ou neuronais) em mentes individuais (ou traços de caráter). Ainda continuo com essa hipótese, mas se, e somente se, a base de dados de Gauquelin for confiável. Caso contrário, no que se refere a evidências, a astrologia em todas as suas formas estará liquidada e não mais precisaremos de quaisquer hipóteses explanatórias.

Fiquei sabendo pelo artigo de Kelly que recentemente P. Seymour "tentou fortalecer a posição das descobertas planetário-ocupacionais de Gauquelin como ... a resposta das

nossas redes neurais a flutuações do campo magnético da Terra que, por sua vez, interage com os campos gravitacionais dos planetas." Similar à minha sugestão.

Mas, Kelly ressalta, embora essas sejam hipóteses plausíveis, os dados não as suportam, e pior, elas se apoiam na confiabilidade da base original de dados de Gauquelin que, longe de ser uma construção invencível, encontra-se sob forte ataque. Entre outros, o matemático holandês Nienhuys, aparentemente, desferiu um golpe eficaz nas próprias fundações dos efeitos de Gauquelin.

Ainda continuo desejando seguir os indícios, porém devo dizer, neste ponto a rede total de evidências é esmagadoramente contra qualquer forma de astrologia. Se a base de dados de Gauquelin conseguir sobreviver, retornarei à minha hipótese geomagnética original; mas, no momento, parece que a astrologia é uma crença sem evidências corroborantes.

O que vejo as pessoas desejando, quando se voltam para a astrologia, é um sentido de conexão com o cosmos. Mas elas fariam melhor voltando-se para o Kosmos.[7] Isto é, ao invés de conectarem a dimensão densa dos planetas físicos aos seus egos pessoais, deixassem crescer gentilmente sua conscientização dos domínios transpessoais. Não meramente uma conexão horizontal com os planetas físicos, mas uma conexão vertical com alma e espírito, sutil e causal, supremo e não dual.[8] O impulso espiritual oculto na astrologia e desviado para o cosmos precisa ser liberado para o Kosmos, liberado para aquele Abraço supremo que mantém os planetas na palma da mão e rodopia galáxias sem dificuldade. Não psique e cosmos, mas sim psique e Kosmos guardam o segredo da ligação há tanto tempo procurada.

[7] Vide Nota 2. (N.T.)

[8] Vide Nota 1. (N.T.)